A OBRA LINGÜÍSTICA DE CURT NIMUENDAJU

Colecão Deocumentos da Amazônia Nº 5

Fac-similado

J. MATTOSO CAMARA JR.

Edições Governo do Amazonas

A Obra Lingüística de Curt Nimuendaju

(Fac-similado)

"Farei um Governo que é a razão de ser da nossa luta(...) Aquele que promoverá o 3.º Ciclo e constituirá na sua esteira, se Deus quiser, uma verdadeira revolução cultural".

Amazonino Mendes
Governador do Estado

Edições Governo do Estado do Amazonas

A OBRA LINGÜÍSTICA
DE
CURT NIMUENDAJU

(Fac-similado)

J. Mattoso Camara Jr.
Universidade do Brasil

Coleção
Documentos
da Amazônia
N. 5

Manaus
Governo do Estado do Amazonas
Secretaria de Estado da Cultura e Turismo
1999

Editor: Algenir Ferraz Suano da Silva

Capa: Tape Publicidade

FICHA CATOLOGRÁFICA

Elaborada pela Coordenação de Editoraçãoda UA

Camara Jr., J. Mattoso
A Obra Lingüística de Curt Nimuendaju / J. Mattoso Camara Jr. (fac-similado) Manaus: Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura e Turismo, 1999.
32 p.: 22cm (Coleção Documentos da Amazônia, n. 5)

1. Amazônia - História I. Título

CDD 981.2 CDU 981(811.31)

Apresentação

A obra de Curt Nimuendaju teve no Amazonas um estudioso de raras publicações, que foi o escritor Geraldo de Macêdo Pinheiro, homem simples, recolhido, capaz de pesquisas alongadas que jamais teve pressa de conhecer a publicidade para suas incontáveis horas de estudo.

Alemão, nascido em 1833 e falecido em 1945, Curt deixou várias publicações que o professor J. Mattoso Câmara Jr. listou em opúsculo de referência, publicado originalmente pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro em 1959 e agora novamente editado nesta coleção de peças raras de interesse da região amazônica que o Governo do Estado, através da Secretaria de Cultural e Turismo resolveu editar para suprir as bibliotecas e gabinetes de pesquisa.

É uma espécie de guia da obra de pesquisa de Curt Nimuendaju, reunindo indicação da religião da tribo Guarany dos Apapokúva, a tribo Crengez, um vocabulário da língua geral do Brasil, vocabulário colhido em Belém com índia do Alto Pacajá, quatro dialetos Timbira, a estrutura gramatical do Xipáya, exposição etnográfica sobre os índios Parintintin por ele pacificados, vocabulário dos índios do Alto Madeira, e outros tantos que, recolhidos, selecionados e listados pelo professor Mattoso Câmara, da Universidade do Brasil, são sempre de grande valia para as questões das culturas indígenas, especialmente amazônicas.

Este opúsculo é um facilitador para os pesquisadores da matéria.

Robério Braga

PUBLICAÇÕES AVULSAS
DO
MUSEU NACIONAL

A OBRA LINGÜÍSTICA
DE
COURT NIMUENDAJU

Por
J. MATTOSO CAMARA JR.

Universidade do Brasil

RIO DE JANEIRO
1959

INDICE

I. INTRODUÇÃO

Curt Nimuendaju, cujo nome alemão de nascença é Kurt Unkel, nasceu em Iena, Alemanha, em 1883 e faleceu no Brasil em dezembro de 1945, no Amazonas, em sua última visita aos índios Tukuna [1].

Veio para o nosso país em 1903, estabelecendo residência em São Paulo e em seguida em Belém do Pará. Embora sem "instrução universitária de espécie alguma", como declara em carta a Herbert Baldus (ef. Bol. Bibl., 1945, 92), notabilizou-se como uma das figuras mais expressivas da etnologia indígena brasileira, em virtude essencialmente da sua grande capacidade de sentir e compreender a mentalidade dos índios. A aceitação que teve entre êles, ilustra-a a sua adoção pela tribo tupi dos Apapoloáva, São Paulo, em 1906, quando recebeu o nome indígena de Nimuendaju, que incorporou ao seu nome cristão, naturalizando-se com êle brasileiro em 1922; é um têrmo composto de *endá* "residência" e mo "fazer", com o sufixo *-ju* e o prefixo, característico dos antropônimos, *ni-*, significando - "Aquele que fêz residência (entre nós)" (ef. Zeit. Ethn., 1914, 284 e 304). Durante 35 anos, até morrer, colaborou com o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), e, como funcionário dêsse Serviço, realizou a benemérita tarefa de pacificar os índios Parintintin, na Amazônia, em 1923.

Possuia, desta sorte, um conhecimento direto, dos mais profundos e extensos, sôbre a etnologia indígena e seus problemas. A sua contribuição à lingüística indígena foi uma faceta da sua obra de indigenista. Trouxe para esse estudo uma notável e espontânea acuidade auditiva e um poder de apreensão intuitiva da índole das línguas indígenas, que lhe permitia dominar várias delas no uso prático.

Deu uma amostra dêsse conhecimento lingüistico e da sua familiaridade com o meio indígena e as suas figuras individuais, quando nos seus *The Eastern Timbira* ps. 10,25-6 (cf. XXIII) denunciou como calcado no Apinayé o vocabulário Krahó colhido por Teodoro Sampaio (Rev. Inst. Hist., 1912, 143 ss.) de um índio que Nimuendaju sabia ser um impostor (cf. ainda Bibl. Crit., 625-6).

II. NIMUENDAJU LINGÜISTA

Na lingüística indígena, Nimuendaju apresenta duas preocupações, que o destacam, em qualidade, de muitos dos nossos pesquisadores da época. A primeira é surpreender e registrar os sons lingüísticos indígenas na sua realidade fonética, usando um método de transcrição *ad hoc* e não, simplesmente, a grafia usual do português ou do alemão. A segunda é tomar, em regra, um informante definido, do qual fornece não raro os dados característicos, ressalvando os ca-

[1] Para a vida e apreciação da obra lógica de Nimuendaju cf. H. Balduz (M. Bibl. 1945). E. Sachaden. (An. Cuyo. 1946).

sos em que teve de socorrer-se de um informante não-nativo ou em que o informante nativo era pouco seguro de sua língua ou as condições eram desfavoráveis à coleta (cf. § IV). Esses dois predicados dão ao seu trabalho lingüístico um alto teor de exação e absoluta probidade.

Fora isso, entretanto, seguiu a tradição da pesquisa, em lingüística indígena, dos seus antecessores e contemporâneos: coleta de vocabulário de acôrdo com certos itens usuais, de mais interêsse etnológico, e comparação singela entre línguas, admitidas a *priori* como afins, pelo mero registro das formas lado a lado. Raramente a pesquisa se estende para a tentativa de uma exposição gramatical ou para a coleta de textos seguidos. E nas listas vocabulares, quer simples, quer comparativas, não há o intento de uma análise mórfica sistemática e metódica, limitando-se o coletor, quando muito, a separar por hífen os elementos mais evidentes de composição (especialmente as partículas de posse nos nomes de partes do corpo ou nos de parentesco). Não desce sequer à explicação dêsses elementos ou mesmo à sua indicação explícita através do têrmo tradutor português ou alemão; ex.: Baníwa: "língua: *nu-tale*", "bôca: *nunuma*", etc., embora - "meu marido: *nu-mike*", "meu pai: *nu roámi*", etc. (Rev. Tuc. 1932, 590-1).

Mesmo a preocupação de seguro registro fonético é prejudicada por algumas falhas técnicas.

Em primeiro lugar, êle não usa um sistema fixo e cabal de transcrição fonética. Limita-se a acrescentar ao alfabeto usual sinais especiais, conforme as necessidades da língua que estuda, e não tem para êles um padrão rigidamente definido, mas antes normas variáveis. E nem em todos os trabalhos dá uma explicação do valor dêsses sinais.

Em segundo lugar, as indicações fonéticas são imprecisas e até confusas às vêzes. O autor não cogita de expor o quadro fonético da língua, mas apenas de dar subsídios para a leitura do que dela registrou. Tais subsídios repousam no comparação com sons supostos familiares ao leitor; ex.: "Θ: *th* inglês como em *thank*"; "*ch* espanhol"; "e entre *e* e *i*" (Rev. Tuc., 1932, 590, 573). As vêzes - é certo - há rápidas indicações fonéticas, como "nasal", "gutural", "*r* palatal com uma só vibração" (Id., 573). Nem faltam definições imprecisas e confusas; ex.: "*b̆* entre *b* e *m*, aspirado" (provàvelmente uma bilabial sonora aspirada, que se inicia por emissão nasal /mb/); "*ď* entre palatal e C (o que deve indicar um d alveolar fricativo, em vez de dental e oclusivo como entre nós); "*a* entre *a* e *o*" (que tanto pode ser um *a* velar como um *a* central levemente labializado à maneira do *a* português de *sal*) (Rev. Tuc., 1932, 590).

Os trabalhos lingüísticos de NIMUENDAJU, publicados, abrangem um ensaio gramatical do Xipáya, algumas coletas de textos e numerosos vocabulários, uns minuciosos, outros sucintos, uns simples (referentes a uma única língua) e outros comparativos. Não raro a parte lingüística é precedida de uma parte etnológica ou histórico-etnológica, traçando a história do contacto dos brancos com a tribo da lingua estudada; outras vezes dá o Autor a sua experiência pessoal com a tribo em aprêço. Freqüentemente a parte lingüistica é secundária ou

subsidiária no plano da obra ou consiste em dados esporádicos num trabalho prècípuamente etnológico.

Êsses trabalhos são escritos em alemão ou em português, línguas ambas que NIMUENDAJU utilizava indiferentemente; a sua redação portuguêsa é fluente e natural, calcada na língua falada, tanto que usa sistemàticamente o pronome êle como acusativo, de acordo com o coloquialismo brasileiro (2). Alguns de seus trabalhos estão publicados em inglês, traduzidos por outrem de um original português ou alemão.

Passamos a comentar a obra lingüística de Nimuendaju, disposta cronològicamente pela data da publicação, distinguindo-a em gramática, textos, vocabulário e miscelânea.

III. DIE SAGEN VON ERS CRAFFUNG UND VERNICHTUNC DER WELT ALS GRUNDLAGEN DER RELIGION DER APAPOCUVA-GUARANI (Zeit. Ethn., 1914, 284-403).
[MISCELÂNEA, TEXTOS].

Como o título indica, é primordialmente um estudo e uma documentação da religião da tribo Guarani dos Apapokúva. Os dados lingüisticos são secundários no plano do Autor, embora sejam abundantes e valiosos.

A *Introdução* (284-5) frisa o contacto íntimo de NIMUENDAJU com a tribo, em que estava filiado (cf. §I), e explica a maneira por que foram colhidos os textos: o Autor os recebeu em ditado, sem nada acrescentar. ou omitir, de três índios idosos e altamente credenciados, que identifica, embora pudesse êle próprio ter redigido os textos em dialeto indígena se quisesse.

Segue-se urna minuciosa informação sôbre os Apapokúva, compreendendo 3 partes: 1. *Nome e História*, com um mapa da região em que vagam (São Paulo e sul de Mato-Grosso), com a explicação lingüística do nome da tribo (Homens dos Grandes Arcos, 286), a história dos contactos com os brancos e a apreciação do impulso místico que levou os índios a constantes migrações para fugir à destruição do mundo (285-93); 11. *Dialeto*, onde se assinala a diferença, para o nome "lingua", dos Apapokúva, Tañüguá e Oguawíva em face do "Antigo Guarani e do Paraguaio"; se explica com minúcia e muitos dados de pronúncia a grafia adotada para os textos, a qual é um compromisso entre a grafia portuguêsa, usada pelos tupinólogos, seus antecessores, e uma transcrição fonética mais rigorosa; e se anotam certos caracteres dialetais típicos, que se encontram nos textos (293-300); III. *Religião*, onde há de passagem observações lingüisticas sôbre nomes próprios e comentários sôbre a estrutura mórfica e o valor semântico de vários têrmos religiosos (300-87) (As págs. 383-7 são de documentação fotográfica); IV. *Textos*, sobre - "*O Começo (do Mundo)* (388-93) e *Guyraypoty* (400-1).

---

(2) Cf.: "Os Caicurús tinharn levado ela na idade de 13 ou 14 anos" (Journ. Amer., 1924, 206), tradução de uma frase de Castelnau: "Les Guayacurus l'avaient enlevée à l'âge de 12 ou 13 ans (Exp. Cast. 1851, V. 282); citando talvez de memória, Nimuendaju enganou-se no número de anos da índia.

Êsses Textos, na grafia antes explicada, são divididos em pequenos parágrafos com numeração romana; as formas entendidas como vocábulos são separadas entre si e as frases recebem uma pontuação de acôrdo com as nossas normas de escrita, com ponto, vírgula, dois pontos, exclamação, interrogação e aspas. Depois de cada texto vem uma tradução não-literal em alemão (393-400) (401-3), mas que procura não ser muito livre a fim de manter certos idiotismos indígenas; a tradução está também dividida em parágrafos, com numeração romana, correspondentes aos do original.

V. VOKABULAR UND SAGEN DER CRENGEZ-INDIANER (TAJÉ) (Zeit. Ethn. 1914, 626-36).
[VOCABULÁRIO]

Há uma pequena introdução sôbre a tribo Crengez, com ligeira apreciação da língua e explicação da maneira desfavorável por que foi colhido o Vocabulário, pois o informante estava gripado e com pouca disposição para o trabalho (626). Segue-se a chave da *Ortografia*, pelo método usual do Autor... (626--7). Há aí a observação de que o informante, até quando falava portoguês, trocava *t* e *d*, *p* e *b*, *g* e *k* "como um saxão" (p. 627), o que é um índice da indistinção entre surda e sonora.

O *Vocabulário* (627-33) está disposto em coluna dupla, com a entrada de cada item em alemão. Não apresenta tentativa de análise mórfica, sendo cada têrmo grafado sem separação de elementos por hífen; não vem na tradução alemã o possessivo correspondente à partícula de posse, evidentemente inclusa no nome indígena (ex.: "Zunge: *pãjõtõ*", "Ohr: *pãjăpăg*") (627). Os itens seguem uma ordem implícita em - partes do corpo, elementos da natureza, cultura material (inclusive coisas da nossa civilização, como "pólvora"), animais, plantas, pronomes, adjetivos, advérbios, verbos; há uma ou outra pequena frase intercalada.

As Lendas (633-6) são apenas dadas em tradução livre alemã e não oferecem interêsse lingüístico.

V. VOCABULÁRIO DA LÍNGUA GERAL DO BRASIL, NOS DIALETOS DO MANAJÉ DO RIO ARARANDÉUA, TEMBÉ DO RIO ACARÁ PEQUENO E TURIWÁRA DO RIO ACARÁ GRANDE, ESTADO DO PARÁ (Zeit. Ethn., 1914, 615-8).
[VOCABULÁRIO]

É apenas uma lista de vocábulos corn a entrada do item em português, numa primeira coluna, e nas três colunas seguintes os têrmos correspondentes da Língua Geral - Manajé, Tembé, Turiwára. Não há explicação da grafia nem comentários ou separação dos elementos mórficos. Inclui, além de substantivos, algumas formas verbais, advérbios, pronomes pessoais correspondendo a portuguêses oblíquos preposicionados, os números de 1 a 5 e nomes tribais. Para alguns itens faltam os têrmos de um ou outro dialeto. Não é explicado como foi feita a coleta.

VI. VOKABULAR DER PIRIIRÍ-SPRACHE (Zeit. Ethn., 1914, 619-25).
[VOCABULÁRIO]

Em subtítulo declara-se que foi colhido em Belém do Pará, com a índia Parirí Mapingá, do Alto Pacajá, em fevereiro de 1914.

São 108 itens, numerados com algarismos arábicos, formando parágrafos cuja entrada é pelo têrmo tradutor alemão. Ao têrmo Parirí, colhido, se seguem, para fins comparativos, os têrmos correspondentes de outras línguas, como o Apiaká, Arara, Bakairí, Makuxí, Purukotó, etc. Para cada item há maior ou menor número de cotejos dêsses. Não há análise mórfica, mas no têrmo Parirí vem entre parênteses, quando nêle aparece, o sufixo *-nó*; nos têrmos cotejados, há às vêzes a separação, por hífen, dos elementos secundários, provàvelmente para facilitar o cotejo. A grafia, que é na transcrição usual do Autor, aqui não é explicada.

Em alguns períodos de comentário final (624-5) trata-se da tatuagem dos Parirí e do aspecto da informante, como corroboração da convicção do Autor de serem os Parirí um ramo Karibe, o que acha êle também indicar o cotejo dos têrmos que faz na lista. Dá ainda algumas informações pessoais sôbre os Parirí e a zona do Xingu e termina por uma crítica ao SPI.

VII. VOCABULARE DER TIMBIRAS VOM MARANHÃO UND PARÁ (Zeit., Ethn., 1915, 302-5).
[VOCABULÁRIO]

É um quadro comparativo, sem qualquer comentário ou excurso, sôbre quatro dialetos Timbira: *Tãjẽ, Krejẻ, Mĕhi, Rĕmăkō-kamekrẽrĕ.*

Há 57 itens, numerados, com a entrada em alemão, numa primeira coluna, e a distribuição dos têrmos indígenas em 4 colunas, por dialeto. No cabeçalho de cada coluna, dá-se a autodenominação da tribo, que é a adotada pelo Autor ([3]), o nome "brasileiro" corresponde (i.e., usado em português), a aldeia em que foi colhido cada Vocabulário, com a sua posição geográfica, e o nome do informante para cada dialeto.

Os têrmos não são separados em seus elementos mórficos e a grafia, que é a transcrição usual do Autor, não é explicada. Comparam-se têrmos com partículas de posse diversas (ex.: *iitẻ; pã'tẻ,* item 15, "subcoxa"), têrmos com partícula de posse com têrmos sem tal partícula (ex.: *ntŏ; pãntỏ* item 2, "ôlho"), têrmo simples com têrmo provido de afixo (ex.: *pobupe; pupupyre,* item 54, "banana"). Alguns itens faltam para um ou outro dialeto.

VIII. ZUR SPRACH DER ŠIPÁIA-INDIANER (Arthn, 1923-4, 836-857).
[GRAMÁTICA]

Ensaio de 26 páginas sôbre a estrutura gramatical do Xipáya. É o resultado de pesquisas diretas, feitas de 1916 a 1919, em quatro pontos diferentes,

---

([3]) V., em § XXIII, a correção posterior, do próprio Autor a esta interpretação dos nomes indígenas *Tajẽ, Krejẻ e Mehĩ.*

onde ainda se fala a língua, especialmente em Santa Júlia e em Boca do Baú, citando aí o Autor como fonte de informações valiosas o curandeiro Odorico Mawaré.

O trabalho está dividido nas seguintes partes: *Grafia adotada* (al. *Schreibweise*), onde se trata das *Vogais, Semivogais, Consoantes* e *Grupos Consonantais* (ps. 836-7); Observações sôbre a Gramática, com as secções - I. *Substantivos* (ps. 837-40), II. *Pronomes* (840-2), III. *Adjetivo* (842-3), IV. *Verbo* (844-8), V. *Advérbio* (849), VI. *Conjunções* (849-50), VII. *Posposições...* (SW-3), VIII. *"Apa"*, partícula que "tem originàriamente uma significação pronominal e também adverbial, tanto afirmativa como interrogativa e até reflexiva" (853-4), IX. *Negações* (854-5), X. *Interrogações* (855-7), XI. *Reduplicação e Triplicação* (857).

Os caracteres essenciais do trabalho são os seguintes: ausência de uma exposição fonética cabal, senão antes apenas uma indicação para a leitura da transcrição fonética adotada (o que já se assinalou como o método geral do Autor, e, num estudo gramatical, exclui a fonética da gramática); a aceitação a priori do quadro de categorias das línguas européias, apenas atenuada por uma secção especial dedicada a uma partícula típica do Xipáya (*"apa"*) e outra reservada para o estudo gramatical da reduplicação e da triplicação; o tratamento conjunto da morfologia e do uso sintático; uma exposição um tanto desconexa, a bem dizer em forma de observações, e não estruturada, numa apresentação gramatical cabal e metódica. Há uma exemplificação abundante de frases, que dão uma idéia da língua em seu funcionamento, embora sem uma tradução têrmo a têrmo e sem uma análise especial dos morfemas constantes em cada frase.

A perspicácia interpretativa do Autor permite-lhe muitas observações genuínas e justas, apesar do modêlo inadequado da gramática européia, a que se cingiu. Em relação ao verbo é frisado o seu caráter atemporal, cabendo a particulas apostas a indicação da época de ocorrência do processo; é bem frisado o valor peculiar que a forma verbal adquire com essas particulas.

Entretanto, o plano gramatical adotado *a priori* impediu a exata depreensão da gramática Xipáya. Não se anotam, por exemplo, as nítidas interferências entre formas que são distinguidas como substantivo, adjetivo e verbo. Às vêzes, a conseqüência de tal plano são soluções como estas, em que não se aprecia a língua indígena como uma estrutura auto-suficiente, senão cheia de falhas em confronto com a estrutura européia: "Não se encontra artigo em Xipáya" (p. 837) - "O gênero não se distingue gramaticalmente" (ib.) - "Os advérbios não se distinguem das outras classes de palavras por qualquer partícula" (p. 849) - "Em geral faltam inteiramente as conjunções" (ib.). E na lista das particulas, dadas como conjunções, sente-se como a equivalência buscada com uma definida conjunção alemã desvirtua a natureza da construção Xipáya.

Há um exemplo impressionante de etnocentrismo lingüístico, quando o Autor declara que se acompanham com a posposição ze_{n} (considerada índice

de dativo) certos verbos que "de acôrdo com a sua natureza deviam reger a rigor acusatívo" (p. 838), isto é, que em português e alemão são transitivos diretos (*du* "sehen", i.c., "ver"; *mi* "schleifen", i.c., "afiar"; *ψuzi* "machen", i.e., "fazer", *aψazáku* "õffnen", i.e., "abrir").

IX. OS ÍNDIOS PARITINS DO RIO MADEIRA (Journ. Amer., 1924, 201-78)

[MISCELÂNEA, VOCABULÁRIO]

É uma exposição de caráter etnográfico sôbre os índios Parintintin, que o Autor teve a incumbência de pacificar (ef. §1).

O artigo divide-se em parágrafos, numerados à romana, tratando de vários temas etnográficos. Num dêles - V. *A Pacificação* (211-21), conta-se o contacto frutuoso do Autor com os índios no pôsto que estabeleceu para aquêle fim. No parágrafo - 1. *O Nome*, o Autor explica que o têrmo *Parintintin* é o nome dado a êsses índios por seus inimigos, os Munduruku, e que a autodenominação é *Kawahib* ou *Kawahíwa*, que significa uma qualidade de vespas sociais, não havendo base para a interpretação "homens da mata", que propõe Martius (p. 201).

À *Língua* é dedicado o parágrafo XLII; é "Tupi puro" e o Autor se fazia entender falando a Língua Geral.

Neste parágrafo, se acham 3 Vocabulários. O primeiro é um *Vocabulário Parintintin*, colhido pelo Autor, em dezembro de 1922 e janeiro de 1923, de índios que estavam em contacto com o Pôsto; o Autor revela ai que "uma das maiores inconveniências consistia na extrema facilidade com que os Parintintin se apropriaram, para uso comigo, das palavras guarani, como, as ouviam de minha bôca, em lugar das formas genuinamente Parintintin" (p. 262), e por isso êle coloca com um ponto de interrogação o têrmo colhido que lhe parece suspeito nesse sentido. São 328 itens, em coluna dupla, transcritos na grafia usual do Autor, da qual dá algumas rápidas informações (262-6). Os dois outros vocabulários são um *Vocabulário Kawahib-Tupi* (267-74), levantado com um informante civilizado no mesmo Pôsto, e um *Vocabulário Tupi do Alto Madeira* (275-6), levantado com um "índio aculturado da Colônia Rodolfo Miranda em Manáos"; aquêle é seguido e êste é precedido de uma pequena noticia sôbre as tribos respectivas, sendo dados êsses dois vocabulários suplementares corno sugestão comparativa em vista da convicção do Autor de que os Parintintin e essas outras tribos têm a mesma língua.

Os itens dos 3 vocabulários nem sempre são os mesmos, e muitos, constantes do rico *Vocabulário Parintintin*, faltam nos outros dois, sensivelmente mais pobres. Os têrmos apresentam separação por hífen de certos elementos mórficos; ex.: "Lua : *yahĩ*", "Fogo: *tatá*", "Estrêla: *yahi-tatá-ĩ*" (262-3); assim também as partículas de posse (ex.: "Cabeça: *ae-akan*". Ôlho: *ae-reakwád*" etc.) (262).

X. AS TRIBOS DO ALTO MADEIRA (Journ. Amer., 1925, 137-72).
[VOCABULÁRIO]

O Autor trata dos índios Torá, Urupá, Jarú, Múra, Múra-Pirahá, Mata-nawi, Tupi do Alto Machado, Ntogapid. De 137 a 145 faz um histórico de cada uma dessas tribos em seus contactos com os brancos e trata do seu estado atual. Segue-se a *Bibliografia*, 146-7, que documenta êsse histórico e inclui 44 trabalhos.

Como um apêndice é que vêm - I. *Vocabulário Torá* (148-57), II. *Vocabulário Urupá* (158-9), III. *Vocabulário Múra* (160-5), IV. *Vocabulário Múra-Pirahá* (165-6), V. *Vocabulário Matanawí* (166-71), VI. *Vocabulário Ntogapid* (172). Para cada um registra-se o informante ou informantes, nome e domicílio, com a data da coleta. Em nota ao *Vocabulário Torá* são dados os valores da transcrição fonética, segundo o método de Autor (rápidas indicações para o som, como *breve, longo, nasal, palatal, surdo, sonoro;* localização de um som entre dois outros, cf. § II, referência a sons conhecidos das línguas européias). Nos outros vocabulários há rima ou outra anotação fonética.

Os Vocabulários não se pautam por uma lista uniforme, o que facilitaria o cotejo, e variam entre si na quantidade e qualidade dos itens; incluem algumas pequenas frases. O Vocabulário Torá é o mais rico. Aí, em muitos nomes são dadas as formas correspondentes a possuidor de 1.º, 2.º e 3.º pess. sing. e pl., o que acarreta uma variação sufixal e revela na 1.º pess. pl. um inclusivo e um exclusivo. Há algumas frases, na base de um dado verbo, como "roubar", "morder", "bater", variando o sujeito, a voz, o modo, o que dá implicitamente indicações morfológicas. O Vocabulário mais pobre é o Ntogapid, obtido de duas crianças, recolhidas na casa do inspetor do SPI e já esquecidas da língua. O Autor, p. 145, compara 15 itens deste último vocabulário com os correspondentes da lista levantada em Rama-Rama pelo Cap. Nicolau Horta Barbosa.

XI. DOCUMENTS SUR QUELQUES LANGUES PEU CNNUES DE L'AMAZONE (Journ. Anier., 1925, 215-22).
[VOCABULÁRIO]

É um trabalho escrito em colaboração com o engenheiro Euclides Herique Valle Bentes. Consta de 5 partes, das quais a primeira e a quinta são exclusivamente de Nimuendaju, a segunda e a terceira exclusivamente de Valle Bentes e a quarta feita em conjunto pelos dois pesquisadores: 1) *Kuniba* ... (215-17). 2) *Turá* (217), 3) *Múra* (218-21), 4) *Vergleichende Wörterliste des Matanawí vom Rio Marmellos und des Mura* (221), 5) *Vergleichende Wörterliste eine Tupi-Dialektes vom. oberen Rio Machado, Urupá vom oberen Rio Machado, Torá und Matanawí vom Rio Marmellos und Múra vom Rio Maicy* (221-2).

Em 1) há apenas a *Nota* fonética de que "tôdas as consoantes devem ser pronunciadas isoladamente... mas sem pausa entre si", deduzindo-se dos exemplos ("ombro: *t/haná*", "algodão: *uap/hi*") que o Autor quer referir-se a uma oclusiva seguida de aspiração: também assinala as vogais "guturais" e que "*x*

corresponde a *ch* alemão em *ich*". Em 1) e 2) faz-se alusão ao informante índio, que em 1) é citado nominalmente; também em nota se dá informação sôbre a língua em aprêço, com alguns itens bibliográficos a ela pertinentes. A lista Kuníba é a maior e tem a entrada em português (64 itens, quase todos substantivos, além de alguns poucos pronomes). A lista Turá, com entrada em alemão é comparativa, cotejando o têrmo Turá com o Txapúra, Kitemoka, Napéka, e Pawumwa (alguns itens incluem tôdas essas línguas). A lista Múra, em que não há referência a informante e cujos têrmos tradutores são portuguêses, compara o Múra do Autaz com o do Manicoré; no final, assinala-se a existência de um /e/ "gutural", acentuado, e da aspiração, representada por um hínfen. A lista comparativa em 5) é precedida de uma informação em alemão sôbre as condições em que se acham as tribos consideradas. A comparação limita-se a confrontar os têrmos (alguns evidentemente não afins), sendo separados por hifen, na transcrição, certos elementos mórficos, como partículas de posse de valor não explicado.

XII. **DIE PALIKUR-INDIANER UND NACHBARN (Göt. Kon., 1926, 31, n.º 2).**
[Vocabulário]

É um longo estudo etnológico dos Palikur, empreendido sob os auspícios do Museu de Göterborg e publicado nas *Atividades da Sociedade Real de Ciências e Letras de Göterbcrg*, com uma "Apresentação" do diretor do Museu, o etnólogo Erland Nordenskiöld. O Autor trata minuciosamente dos Palikur (7-111), abreviadamente dos Uaçá (112-24) e dá uma rápida notícia dos Brasileiros Mestiços do rio Curupi (125-6).

A parte lingüistica forma uma secção especial, que começa na pág. 127.

Compreende um grande Vocabulário Palikur (127-40) e pequenos Vocabulários de línguas do rio Uaçá-Colibi (140-3), Aruá (143-4) e finalmente Maraon com 2 itens apenas (144). O Vocabulário Palikur tem uma pequena indicação dos "Sinais Diaeríticos" e está dividido explicitamente nos seguintes grupos: I. *Partes do Corpo*. II. *Natureza*. III. *Casa e Utensílios*. IV. *Família e Parentesco*. V. *Religião e Costumes*. VI. *Mamíferos*. VII. *Aves*. VIII. *Répteis, Anfíbios, Peixes*. IX. *Animais Inferiores*. X. *Plantas*. XI. *Números*. XII. *Pronomes*. XIII. *Adjetivos*. XIV. *Côres*. XV. *Tempo e Lugar*. XVI. *Verbos*.

Os têrmos, que entram pela tradução alemã, apresentam-se com separação dos elementos mórficos por hífen, embora sem maior análise explicita. É fácil, entretanto, destacar as partículas de posse, porque o Autor dá primeiro o têrmo isolado e em seguida com uma ou mais dessas particulas; ex.: "Cabeça: *teu-ti*", "Tua cabeça: *pi-téui*" (127); há mudanças, às vêzes muito grandes, do radical em composição (Sândi), que pediriam uma análise e classificação metódica. Na secção de Verbos são freqüentes pequenas frases ilustrativas do emprêgo das formas.

Os Vocabulários seguintes, muito menores, são listas singelas de têrmos sem as informações suplementares, de ordem gramatical, que vimos o Vocabulário Palikur implicitamente fornecer.

XIII. **WORTLISTE DER ŠIPÁIA-SPRACHE** (Anthr., 1928, 821-50; 1929, 863-96).
[VOCABULÁRIO]

É uma copiosa lista de vocábulos, apresentada sem qualquer introdução; apenas, uma nota (1928, 821) remete o leitor para o ensaio gramatical *Zur Sprache der Sipáia Indianer* (cf. § VIII).

A parte constante do volume de 1928 refere-se aos Substantivos, que são divididos explicitamente nos seguintes grupos: I. *Partes do Corpo*. II. *Elementos da Natureza*. III. *Casa e Utensílios*. IV. *Bote e Armas*. V. *Vestimenta e Ornatos*. VI. *Indústria de Mandioca e Alimentação*. VII. *Religião, Costumes, Magia e Doenças*. VIII. *Familia e Parentesco*. IX. *Diversos Conceitos Gerais*. X. *Mamiferos*. XI. *Aves*. XII. *Invertebrados e Répteis*. XIII. *Peixes*. XIV. *Artrópodes*. XV. *Crustáceos e Vermes*. XVI. *Plantas*. São dados nomes compostos dos nomes simples citados, nomes com variação da partícula de posse, locuções e mesmo pequenas frases, o que permite uma visão mais ampla da língua, em seus princípios estruturais.

A parte constante do volume de 1929, indicada como "Conclusão" da anterior, está explicitamente dividida nos seguintes grupos de vocábulos: XVII. *Verbos*. XVIII. *Adjetivos*. XIX. *Advérbios*. XX. *Posposições*. XXI. *Conjunções*. XXII. *Pronomes*. Alguns verbos são conjugados em várias pessoas e com vários pronomes como sujeito e regime, o que nos permite ter certa compreensão morfológica da língua Xipáya. Além disso, os verbos, os adjetivos, os advérbios e assim por diante entram em pequenas frases exemplificativas do seu emprêgo.

XIV. **LÍNGUA ŠERENTE** (Journ. Amer., 1929, 127-30).
[VOCABULÁRIO]

É uma pequena lista, colhida de um casal de índios Xerente em visita a Belém do Pará, em 1920. Numa nota, em francês, faz-se remissão, quanto à transcrição fonética, para o artigo sôbre *As Tribos do Alto Madeira* (cf. § X).

Os itens são heterogêneos, abrangendo no grupo de têrmos referentes a coisas da natureza topônimos, como "Belém do Pará" e "Rio Tocantins", e nos têrmos de parentesco e relações sociais um para "Partidos (políticos?)" - Siptató, que o Autor pergunta, entre parênteses, se não será uma adaptação de "Conservador"[4]. Há pronomes, quer isolados, quer em locuções verbais e nominais, e algumas frases, como - "as mulheres estão se banhando no rio" -, sem identificação total explicita dos elementos componentes, de sorte que o leitor apenas pode reconhecer alguns têrmos que já constam isolados da lista.

XV. **ZUR SPRACRE DER MAUÉ-INDIANER** (Journ. Amer., 1929, 131-40).
[VOCAULÁRIO]

São duas listas Mawé, colhidas com um ano de intervalo, a primeira no Pôsto Indígena de Maici com um informante, que era índio aculturado, e a segunda obtida de vários índios, indeterminados, na própria tribo. A cada en-

[4] É, entretanto, o nome de uma das *moieties xerente* (cf. § XXV).

trada, em alemão, correspondem, em duas colunas, paralelamente, os têrmos Mawé de uma e outra lista. Há de início uma rápida explicação da transcrição fonética.

As listas estão implicitamente divididas em partes do corpo, coisas da natureza, cultura material, parentesco, animais, plantas, numerais, adjetivos, advérbios de tempo e lugar, pronomes, pequenas frases.

XVI. ZUR SPRACHE DER KURUAYA INDIANER (joun. Amer., 1930, 317-45).
[VOCABULÁRIO]

Começa com uma rápida informação sôbre a localização dos indios Kuruáya: uns 120, além de uns 200 que vivem esparsos entre os seringueiros e os Xipáya e que abandonaram sua língua pelo Xipáya. Colheu o Vocabulário de dois informantes de aldeias diferentes, nominalmente citados, em 1917 e 1919. O registro fonético (*Schreibweise*) dá as rápidas indicações usuais do Autor.

O Vocabulário, muito minucioso, com entrada em alemão, está dividido explicitamente nos seguintes grupos léxicos, numerados à romana: I. *Partes do Corpo*. - II. *Elementos e Natureza*. - III. *Casa e Utensílios*. - IV. *Bote e Armas*. - V. *Vestimenta e Ornatos*. - VI. *Indústria de Mandioca e Alimentação*. - VII *Religião, Costumes, Feitiçaria e Doenças*. - VIII. *Família e Parentesco*. - IX. *Vários Conceitos Gerais*. - X. *Mamíferos*. - XI. *Aves*. - XII. *Répteis*. XIII. *Peixes*. - XIV. *Invertebrados*. - XV. *Plantas*. - XVI. *Verbos*. - XVIII (sic). *Adjetivos*. - XVIII. *Advérbios*. - XIX. *Posposições*. - XX. *Pronomes*.

Os nomes entram em locuções com partículas de posse e adjetivos, o que permite depreender, até certo ponto, a estrutura mórfica e fatos de fonética sintática, como a passagem do *t* inicial, quando se acha em posição intervocálica, a *z*, ou seja, a uma fricativa dental sonora, que o Autor descreve confusamente - "semelhante ao th inglês sonoro, mas muito mais doce, aproximando-se fortemente do *r* ou *t*", i.e., *l* velar); assim: "Ôsso: táu"; "Meu ôsso: *u̯záu*"; "Crânio: *a̯záu*"; "Cabelo: *tab*"; "Cabelo da cabeça: *ā̯zab*".

Há também, intercaladas, pequenas frases especialmente para ilustrar o emprêgo de "advérbios", "posposições" e "pronomes" e as variações das formas verbais.

XVII. IDOMAS INDÍGENAS DEL BRASIL (Rev. Tuc., 1932, 543-618).
[VOABULÁRIO]

É uma compilação de estudos independentes. Apesar do título geral em espanhol, alguns são escritos em alemão e outros em português. São, em essência, vocabulários de diversas tribos e não se apresentam com um plano uniforme, pois ora aparecem, ora faltam as introduções histórico-etnográficas e as indicações fonéticas.

Os itens vocabulares variam muito de lista para lista . O trabalho contém as seguintes partes: *Os Takunyapé* (al.), 543-7; minuciosa exposição histórica dos contactos e um pequeno Vocabulário, que não foi colhido pelo Autor, mas sim fornecido por 3 moradores brancos da zona

índia em apreço, com a indicação, para cada item, do respectivo informante (citado entre parênteses pela letra inicial do seu nome). - Os Arára (al.), 547-52, com uma introdução histórica dos contactos e um Vocabulário, colhido de dois índios que trabalhavam como remadores em Altamira; no fim da lista faz-se uma remissão comparativa para 2 listas do Apiaká, uma no Bull. Soc. Anthr., IX, 182ss., e outra em Zeit. Ethn., 1895, 168ss. (Ehrenteich), para 1 lista Arára (O. Cotidreau, *apud* H. Condreau, *Voyage* ou *Xingu*, 1897, 199ss.), e para 2 listas Pariri do próprio Nimuendaju (Zeit. Ethn., 1914, 619ss., cf. § VII) (Ms., 1926). - Os *Kayapó do Médio Xingu* (al.), 552-67; com uma minuciosa introdução histórica sôbre os contactos e a experiência direta do Autor com um índio da zona do rio São Miguel, aprisionado, cujo aspecto e atitudes descreve, e uma lista bastante rica (558-67) de vocábulos, colhida dêsse índio e acompanhada do cotejo dos respectivos itens com o que fornecem Eduardo Artur Sócrates, Paul Ehrenreich, Henri Coudreau, Fritz Krause e Pé. Antônio Maria Sala, indicados junto ao têrmo correspondente pela inicial do sobrenome. - *Opayé-chavante* (al.), 567-73; apenas uma lista de vocábulos e, pequenas frases interrogativas, com a indicação em nota de que foram colhidos, em 1909 e 1913, de vários índios dos bandos de Ivinhema e Rio Verde, além do de Vacaria, cujos têrmos são assinalados por um V entre parênteses. Língua Tukuna (al.), 573-80; apenas um Vocabulário (além de substantivos, pronomes, numerais, adjetivos, verbos, pequenas locuções verbais e perguntas). com uma explicação dos "Sinais Diacríticos" e uma informação em nota de que foi colhida de vários índios, não pessoalmente identificados, de proveniências diversas, que são citadas. - *Lista vocabular da língua Yuruna* (al.), 580-9, com rima rápida notícia sôbre a situação dos índios; a lista foi colhida de membros, não pessoalmente identificados, de um dos dois bandos restantes dêsses índios, e também inclui itens obtidos de um índio Arára, citado nominalmente, que se criou entre os Yuruna e cuja contribuição vem assinalada por um asterisco. - *Reconhecimento dos Rios Içana, Ayaru e Uaupês, apontamentos lingüísticos* (port.), 590-618, com uma chave de "Sinais Diacríticos" e rápidas observações fonéticas, além de uma breve informação sôbre os Txiriána ou Txirango; os *Apontamentos* são vocabulários *Baniwa* (590-2), *Baré* (5924), *Warekena* (594-5), *Karútana* (596-7), *Kadatupuritana*, ou *Baniwa de Içana* 598-601), *Moriwene*, ou *Baiwaa de Içana*, ou *Sucuriyú-Tapuya* (601-2), *Walipéri-Dákenai*, ou *Baniwa de Içana*, ou *Siuci-Tapuya* (602-4), *Hohódene*, ou *Hôho*, ou *Baniwa de Içana* (604-607), *Mapanai*, ou *Baniwa de Içana*, ou *IraTapuya* (607-9), *Máulieni*, ou *Baniwa*, ou *Cáua-Tapuya*, ou *Coripáca* (611-3), Adyánene, Adyana, ou Tatú-Tapuya, ou Coripáca (613-4), Kumadá-Mnanai, ou *Baniwa de Içana*, ou *Ipéca-Tapuya*, ou *Coripáca* (615-6), *Kapité-Mnanai*, ou *Baniwa de Içana*, ou *Coati-Tapuya*, ou *Coripáca* (616-8); em nota a cada um dêsses vocabulários cita-se o informante e a época da coleta, e para o Hohódene distinguem-se pelos números 1 e 2, respectivamente, os itens em duplicata fornecidos pelos dois informantes utilizados, cujos nomes constam da nota correspondente.

XVIII. A PROPOS DES INDIENS KUKURA DU RIO VERDE (BRÉSIL) (Journ. Amer., 19.22, 187-9).
[MISCELÂNEA]

É uma Nota em alemão, comentando o artigo - *Les Indiens Kukura da Rio Verde, Matto-Grosso, Brésil* - de CHESTMIR LOUKOTKA (Journ. Amer., 1931), onde se dá uma lista vocabular, colhida pelo explorador tcheque V. Friè como sendo uma nova lingua indígena que Loukotka considera isolada. Nimuendaju contesta essa asserção, pois na região indicada só existem Opayé - Xavante, cujos bandos enumera e aprecia, inclusive do ponto de vista linguístico embora sem fornecer itens. Acha Nimuendaju a lista de Frié muito suspeita e nela ressalta a existência de têrmos Guarani, concluindo que o guia índio de Frié quis zombar do explorador, dando metade do vocabulário, que êste perguntava, em Guarani vulgar e fantasiando a outra metade. Adverte que é preciso cuidado com essa tendência maliciosa dos guias índios aculturados e cita casos concretos disso.

XIX. WORTLISTEN AUS AMAZONIEN (Journ. Amer., 19.32, 93-119)
[VOCABULÁRIO]

São quatro listas vocabulares: respectivamente Múra (língua isolada). 93-106; Mundurukú (Tupi), 106-8; Arikém (Tupi), 109-16; Pariri (Karibe)116-9.

Há de início o quadro dos Sinais Diacríticos, segundo o processo usual do Autor (cf. § II). Para cada lista é dado o informante índio e sua proveniência. Para o Múra, o Autor utilizou 3 informantes, que identifica, e cujas respostas põe em confronto em A, B, C, respectivamente. Por um lapso de revisão essas letras aparecem no alto de páginas referentes às outras listas, onde não cabem pois aí o informante foi um só.

As listas abrangem, além dos substantivos usuais, de maior interêsse etnológico, adjetivos, números, advérbios, verbos e pequenas frases, cuja análise só em parte se pode deduzir por alguns têrmos, também fornecidos isolados. Só a lista Arikém separa por hífen os elementos mórficos. As listas mais ricas são do Pariri e do Múra; a do Mundurukú é sensìvelmente muito mais pobre.

XX. GUAJAJARAISCH (Los. Blät., 1935, p. 34).
[VOCABULÁRIO]

"Vinte palavras Cuajajara, extraídas de um manuscrito inédito de NIMUENDAJU e publicadas pelo missionário franciscano Albert Krusé" (Bibl. Cr., 493).

XXI. THE GAMELA INDIANIS (Prim. Man, 1937, separata dos n.os 3 e 4, 14 ps.).
[MISCELÂNEA, VOCABULÁRIO]

Este estudo, traduzido para o inglês pelo antropólogo norte-americano ROBERT H. LOWIE, é o resultado de uma pesquisa feita sob os auspícios do Instituto de Ciências da Universidade da Califórnia.

O Autor procura rastrear os vestígios dos extintos Camela do Maranhão. Êsses índios, entre vários outros, habitavam o nordeste da região e parecem

isolados em face dos Timbira, do grupo Jê, e dos Guajajara, do grupo Tupi. Grande parte do artigo é dedicada a um histórico dos contactos entre os brancos e os Gamela e do desaparecimento dêsses; índios. Só na pág. 9 passa a tratar da sua expedição em busca dos remanescentes mestiços dos Gamela, nas redondezas do lago Capivari. Aí teve por informante a mestiça MARIA CAFUZA, cuja avó fôra ainda Gamela pura. O Autor nos diz que colheu dos seus lábios "todos os têrmos Camela de que ela pôde se lembrar durante a minha visita" (p. 10), e transcreve êsses têrmos, entre os quais há 1 empréstimo Timbira e 2 Tupi. "Tanto quanto êste punhado de palavras permite uma conclusão, o Camela, que era falado em Viana, deve ser considerado isolado" (p. 11). Na discussão anterior sôbre a população índia do Maranhão, há algumas explicações para nomes de tribos, dos quais é feita uma análise mórfica.

A transcrição fonética do manuscrito sofreu uma adaptação por parte do Tradutor, que não compreendeu o valor do pequeno gancho por baixo de certas vogais (o qual na transcrição fonética de Nimuendaju indica velarização), substituindo-o pela letra em itálico e supondo, com dúvida, tratar-se de sinal de nasalação (cf. nota à pág. 13).

XXII. DIE VERWANDSHFT DES MUNDURUKUISCHEN MIT DEM TUPIISCHEN (Los Blät., 1937, n.º 2, 76-80).
[MISCELÂNEA]

É um artigo escrito especialmente para as *Fôlhas Sôltas de Cururu*, dos Padres Missionários de D. Bosco, como esclarece a Redação em nota. O Autor se reporta a uma lista do Manduruku do Tapajós, outra do Munduruku do Madeira e uma terceira do Munduruku do Xingu (Kuruáya) (cf. XVI), em que quase exclusivamente se baseia.

O artigo, depois dessa informação, trata sucessivamente de - A. *Mudanças Fonéticas* (76-7), B. *Parentesco no Vocabulário*, com uma lista de vocábulos Munduruku e Tupi comparados (77-8), C. *Relações Gramaticais* (78-80) e *Observações Finais* (80).

Em A, estabelece algumas correspondências fonéticas entre o Munduruku e o Tupi, bem como entre o Munduruku do Xingu e o Munduruku do Tapajós e entre variantes do Tupi. Em B, há um simples confronto de têrmos sem qualquer comentário ou análise explicativa. Em C, o Autor estuda os pronomes, os afixos de imperativo, de particípio, de "pessoa a quem a coisa pertence", verbal (exprimindo conjuntamente lugar, tempo, instrumento, aspecto e modo da ação), de locativo, a posposição correspondente ao lat. *in*, a negação e a partícula interrogativa, confrontando as formas do Munduruku do Xingu e do Tupi. Nas *Observações Finais*, conclui pelo parentesco, principalmente dada a evidente cognação dos têrmos de partes do corpo e de fenômenos da natureza, bem como a dos pronomes e outros instrumentos gramaticais. Afasta a hipótese da influência tupi, por contacto de línguas como o Apiaká e o Parintintin, que não podem ser levadas em conta para o Munduruku do Xingu; aliás, frisa que o caráter tupi, no Munduruku, é de outro ramo que o daquelas lín-

guas e, antes, se aproxima do Mawé. Duvida, entretanto, que os índios Munduruku sejam ètnicamente Tupi.

O artigo não apresenta a transcrição fonética usual do Autor, mas a dos Missionários de D. Bosco, proposta pelo PADRE ALBERT KRUSE, que a explica num artigo imediatamente precedente ao de NIMUENDAJU, onde levanta o Sistema Fonético do Munduruku do Tapajós (Los. Blät. 1937, n.º 2, 75).[5]

XXIII. THE DUAL ORGANAZATIONS OF THE RAMKO KAMEKRA (CANELLA) OF NORTHERN BRASIL (Amer. Anthr. 1937, ps. 565-82).
[MISCELÂNEA]

Artigo escrito por Curt Nimuendaju e Roberto A. Lowie, a quem se deve a redação em inglês. É um trabalho essencialmente etnológico, mas interessam os seguintes dados lingüísticos: 1) o quadro do *Bloco Jê* onde "sucede coincidirem as classificações lingüística, geográfica e etnográfica" (565-6); 2) os *Têrmos de Parentesco*, onde a lista de 24 têrmos, divididos no grupo dos ascendentes, no da geração do *Ego*, no dos descendentes e no da afinidade, se abre pelo têrmo índio, com os elementos mórficos separados por hífen, havendo uma explicação preliminar dos afixos (573-5).

XXIV. THE APINAYÉ (Cath. Anthr. n. 8, Washington D. C. 1939, IV-189 ps.).
[MISCELÂNEA]

Estudo dos Apinayé, traduzido do manuscrito alemão por Robert H. Lowie, que na pág. IV do seu Prefácio dá breves indicações da transcrição fonética que usou. O trabalho é precìpuamente etnológico e os dados lingüísticos são ocasionais e subsidiários, visto que a lista vocabular do manuscrito (13 páginas dactilografadas em 2 colunas com entrada pelos têrmos alemães em ordem alfabética) não foi incluída na publicação.

Êsses dados lingüisticos são principalmente: 1) *Língua e Nome Tribal* (8-10): estabelece-se a correspondência fonética com o Rankokamekra e o Kayapó do Norte, por meio de 4 térmos, que indicam no Apinayé a conservação das consoantes de início nasal nd, mb, simplificadas para a surda oral correspondente em Rankokamekra e para a nasal correspondente em Kayapó; dá-se uma bibliografia do que há sôbre a língua, aí se incluindo o estudo sôbre os Krahó de TEODORO SAMPAIO (p. § 1); discute-se o nome tribal, que não pode ser original da tribo porque "o sufixo pessoal - *ye* dos Timbira de leste se mudou para - *ya* em Apinayé"; 2) *Têrmos de Parentesco* (110-112); 3) alguns vocábulos e comentários léxicos esparsos no texto (ex.: ps. 30, 138-9).

XXV. THE ŠERENTE (Publ. Hodge, Los Angeles, 1942, IX-106 ps.).
[MISCELÂNEA]

Estudo etnológico dos Xerente, traduzido do manuscrito alemão por ROBERT H. LOWIE. É o resultado de uma pesquisa feita em 1937 e financiada pelo

[5] Extrato dêsse artigo de Nimuendaju, resminsdo a rigor apenas observações finais, em Anthr., 1938.

Instituto de Ciências Sociais da Universidade da Califórnia. Como o anterior (§ XXII), é um trabalho precipuamente etnológico. Interessam, entretanto, do ponto de vista lingüístico: 1) o debate inicial sôbre a *Classificação* (1-6), fundamentado essencialmente em critério de língua e onde se deslindam as confusões no uso do nome *xavante* para tribos muito diversas; 2) a exposiçao sôbre as *moieties* dos *šiptató* e dos *sdakrã* (16ss.), o que implicitamente corrige a interpretação falsa do têrmo *šiptató* do vocabulário intitulado *Língua serente* (§ XIV); 3) uma lista de nomes de parentesco (23-5); 4) listas de nomes tradicionais de pessoas, para homens (44-5) e para mulheres (53-4), com tradução inglêsa e explicação dos têrmos compostos; 5) vários têrmos indígenas, esparsos no texto.

A transcrição fonética é explicada numa *Nota Fonética* (p. 1).

XXVI. SOCIAL, ORGANIZATION AND BELIEFS OF THE BOTOCUDO OF EASTERN BRASIL (South journ. Anthr., 1946, n.º 1, 93-115).
[MISCELÂNEA, VOCABULÁRIO]

É a tradução inglêsa, pelo antropólogo norte-americano ROBERTH LOWIE, de um manuscrito em alemão do Autor. Foi publicado pouco depois de sua morte (cf. § 1) e em nota LOWIE se refere ao infausto acontecimento.

Como o título indica, trata-se de um estudo essencialmente antropológico dos Botocudos e os dados lingüísticos são esporádicos e subordinados aos informes antropológicos. O Autor começa por uma discussão do nome de *Botocudos*, que para êle abrange 4 grupos índios muito diversos: a) os Boruñ, de que trata o Autor, ou Botocudos do 'Rio Doce, chamados *Aimoré* pelo *SPI*; h) os Botocudos de Santa Catarina, que são os Kaingang de jules Henry (6), mas que o Autor distingue - c) dos Kaingang própriamente ditos; d) os Botocudos dos Rios *Ivai* (Ivahy) e Piquiri, no Paraná, que são os Aré de Telemaco Borba(7), os Noto-Botocudos de H. von Ihering e os Xetá de V. Frič. Lingüisticamente, considera os 3 primeiros grupos da família Frič Jê e o último da família Guarani. Faz a respeito uma pequena demonstração, que é o primeiro dado lingüístico do artigo (p. 4), comparando 14 itens vocabulares (fenômenos da natureza, partes do corpo e o têrmo para *casa*) em Guarani e nas quatro línguas Botocudo; há realmente identidades e grandes semelhanças entre os três outros grupos Botocudo (entretanto, "mão/pé" no Botocudo do Rio Doce, ou Boruñ, é *po*, idêntico a "mão" em Cuarani e Botocudo do Ivaí). O segundo dado lingüístico, fornecido pelo Autor, é a interpretação mórfico-semântica de cinco nomes tribais e a informação de que *Boruñ* significa "índio" em geral, não havendo um nome comum a tôdas as tribos (p. 97). O terceiro dado lingüístico, finalmente, é uma pequena lista de 11 têrmos de parentesco, obtida de um informante aculturado, que é identificado (p. 99).

O Autor adotara, no manuscrito alemão, a sua transcrição fonética usual, mas o Tradutor fêz uma adaptação, imposta por necessidades tipográficas.

---

(6)Estudados lngüisticamente, por êsse Autor norte-americano, em "A Kaingang Text", IJAL, 1935, 172-218 - e - "The Kaingang Language", IJAL, 1948, 194-204.
(7)O texto abrevia o nome de batismo como *Th.*, o que deve ser equívoco.

XXVII.THE EASTERN TIMBIRA (Univ. Col. Publ. 41, 1946, 261 ps.).
[MISCELÂNEA]

É o conhecido estudo de NIMUENDAJU sóbre os Ramko'kamekra, fruto de pesquisas empreendidas sob os auspícios do Instituto de Ciências Sociais da Universidade da Califórnia. Foi traduzido para o inglês por ROBERT H. LOWIE, que o considera "uma das mais notáveis realizações entre os estudos sôbre os índios sul-americanos" (p. V).

É essencialmente um trabalho etnográfico, mas apresenta dois aspectos lingüísticos.

Em primeiro lugar, muitas informações sôbre nomes tribais.

Na *Classificação das tribos Timbira* (6-12), baseada em dados lingüísticos, comenta-se o têrmo Timbira (provàvelmente de origem tupi: "os amarrados") e os elementos mórficos *kra* "tribo, povo" e *ye*, sufixo para caracterizar nomes de parentesco, de funções sociais e de tribos, que os portuguêses adaptaram "com pouca felicidade", como "Gez" (ou jê) (p. 8). Em *Nomes Tribais na língua Timbira* (12,3), o Autor reforma a sua interpretação de têrmos como *Mehĩ*, *Krẽyé* ("corpo") e *Tãyẽ* (povo), que num trabalho anterior tomara como autodenominações; de tribos (cf. § VII). Como na *Classificação das tribos Timbira* (6-12), nas secções sôbre as diversas tribos são interpretados lingüisticamente os vários nomes tribais *Piha'kamekra* (15), *Krikati* (16), *Pukóbye* (18), *Kre'pu'mkateye* (22), *Krahó* (22), *Kupẽyaró* (27), *Kénkateye* (30), *Apanyekra* (30), *Ramko'kamekra* (31), *Cákamekra* (34), *Karẽkateye* e *Krorekamekra* (35).

Em segundo lugar, há esparsos por tôda a obra vocábulos, registrados em transcrição fonética. Destacam-se especialmente: nomes de plantas cultivadas (58), nomes próprios (80-2, 110), nomes de parentesco (105), fragmentos de cantos (190, 216), nomes de máscaras (203-4); no fim do volume há um pequeno *Glossário* (259-61) para o leitor norte-americano, abrangendo têrmos tupi e até portuguêses.

Os *Mitos e Narrativas* (243-9) são apenas dados em inglês e não têm interêsse lingüístico, a não ser quanto a alguns têrmos transcritos na língua indigena e às vêzes mórficamente explicados em nota (ex.: *Kačetikwe'i: Kače* "estrêla", - *ti* aumentativo, - *kwe'i* índice de feminino, p. 245).

XXVIII. SUGESTÕES PARA PESQUISAS ETNOGRÁFICAS ENTRE OS ÍNDIOS DO BRASIL (Soc., 1946, 36-44).
[MISCELÂNEA]

São notas, tiradas por H. BALDUS de um resumo de aulas, dadas por Nimuendaju a um funcionário do SPI, resumo êste redigido pelo discípulo e revisto pelo mestre. As Notas estão divididas por assuntos etnológicos, abrindo-se com *Recomendações Gerais*, onde se aconselha o pesquisador a deixar para o fim da pesquisa o registro do vocabulário, "pois cumpre familiarizar-se primeiro com a fonética" (p. 36). A pesquisa lingüística dá lugar a 6 recomendações no

parágrafo final das Notas, intitulado *Levantamento Lingüístico* (p. 44): elas visam a pontos salteados, que naturalmente pareceram ao professor mais necessários a um principiante.

XXIX. TRIBES OF THE LOWER AND MIDDLE XINGU RIVER (Hand., III, 1948, 213-43).
[MISCELÂNEA]

Da colaboração de NIMUENDAJU para o *Handbook of South American Indians*, é êste o único artigo que se detém apreciàvelmente nos aspectos lingüísticos, levando-os em consideração na secção *Afinidades Lingüísticas* (214-5).

Como o nome da secção indica, o Autor aí se preocupa essencialmente com o parentesco lingüístico das tribos estudadas. Fá-lo de maneira sumária e sem se demorar em comprovações. Com exceção de Arára, que considera língua Karíbe, enquadra as demais no grupo Tupi. Destaca um grupo "Yuruna, Xipáya, Manitsawá e talvez Arupaí", que interpreta como "uma divisão especial das linguas Tupi impuras" (p. 214), admitindo mistura com línguas Arawák e Karíbe, e, mais recentemente, influências da Língua Geral. Dá correspondências fonéticas e mórficas entre o Yuruna e o Xipáya, citando 6 têrmos de uma e outra língua como ilustração de certas correspondências fonéticas entre consoantes em qualquer posição ou seguidas de determinada vogal; ex.: *c* : *t* (Yuruna ca, Xipáya *ta* "ir"); *pi* : *si* (Yuruna *pinapa*, Xipáya *sinapa* "pentear").

Sôbre as demais tribos, apenas afirma a natureza tupi sem debate ou apresentação de provas.

XXX. CARTAS ETNO-LINGÜÍSTICAS POR CURT NIMUENDAJU E R. F. MANSUR GUÉRIOS (Rev. Mus. Paul., nova série, 1948, 207-41).
[MISCELÂNEA]

É uma correspondência, de 1943 a 1945, estabelecida entre NIMUENDAJU e MANSURT GUÉRIOS, professor de filologia e lingüística portuguêsa da Universidade do Paraná. São ao todo 12 cartas (6 de MANSUR GUÉRIOS e 6 em resposta, de NIMUENDAJU); há a mais uma pequena carta de ARION DALL'IGNA RODRIGUES, discípulo daquele primeiro, pedindo informações e a rápida resposta de Nimuendaju, alguns dias antes de sua morte. MANSUR GUÉRIOS que faz a publicação, a precede de algumas palavras "À Guisa de Introdução", tecendo considerações sôbre NIMUENDAJU como lingüista.

A correspondência foi iniciada por MANSUR GUÉRIOS, que desejava informações concretas de lingüística indígena, e nela se debatem alguns problemas de lingüística geral e de classificação e apreciação de línguas indígenas brasileiras. É curioso o contraste entre a apresentação de princípios teóricos, na base da lingüística indo-européia, por parte de Mansur Guérios, e o ponto de vista primacialmente empírico em que se mantém NIMUENDAJU. Nas cartas dêste último há a destacar: na primeira, a referência a seus trabalhos esparsos e inéditos; na segunda, informações sôbre os Kaingang, Botocudos de Minas, Botocudos de Santa Catarina, (três grupos que distingue cuidadosamente, cf. § XXIV), Eo - Xavantes, Guayanã e Ingain; na terceira, a rejeição da suposta relação entre os

Boruñ e os Aimoré (cf. § XXII) e observações críticas a um trabalho de Mansur Guérios sôbre o Kamakan, vindo em adendo a elas um vocabulário do Kaingang de São Paulo, de 276 itens, levantado em Rio do Peixe, em 1909, por Nimuendaju, a propósito do qual êle ressalva: "sendo o segundo vocabulário que tomei na minha vida, êle se ressente da falta de prática no assunto" (p. 214); na quarta, considerações sôbre, a fonética Kamakan e sôbre o Kaingang; na quinta, considerações sôbre evolução fonética, mostrando-se desconfiado das teorias lingüísticas aventadas por Mansur Guérios, e uma crítica desfavorável, em grande parte, à obra de P. Rivet; na sexta, a mesma desconfiança da lingüística teórica e uma crítica desfavorável à obra de Barbosa Rodrigues.

XXXI. OS TAPAJÓ (Bol. Coeldi, X, 1949, Belém, ps. 93-106).
[Miscelânea]

É um ensaio etnográfico, sôbre os Tapajó, dividido em parágrafos, como *Histórico, Nome, Habitat*, etc. É de interêsse limüistico a informação sôbre o *Nome*, o qual "pertence, como tantos nomes geográficos ao longo do Amazonas e da Costa Norte do Brasil que apresentam o final em *-jó* e *-yú*, a uma língua hoje extinta que visivelmente dominava nessas regiões antes da expansão da língua Tupi" (p. 96). No parágrafo da *Língua* (ps. 97-8) frisa-se, com documentação histórica, o caráter não-tupi e citam-se os 3 únicos nomes tapajó que se conhecem: o da tribo, o do chefe *Orucurá* e o do "diabo", *Aurá*, que o Autor aproxima de *awirá* ("*i* pospalatal") com que, em Aparí, se designa o urubu de cabeça vermelha, assinalando que outro nome aparí - *kurumir* - "urubu de cabeça preta" se encontra como topônimo na região dos Tapajó. Refere-se ainda o Autor aos topônimos da região em geral, anotando que alguns são Tupi, e outros não, explicando-se alguns dêstes últimos pelo Karibe; mas não dá qualquer exemplificação.

XXXII.THE TUKUNA (Univ. Cal. Publ., XIV, 1952).
[Miscelânea, Vocabulário]

É um minucioso estudo etnológico em continuação das pesquisas patrocinadas pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade da Califórnia, (Vid. § XXIV, § XXVII); foi traduzido de um manuscrito em português por William D. Hohenthal, sob a supervisão do etnólogo norte-americano Robert H. Lowie.

A parte lingüística está em dois Apêndices:

O Apêndice A (p. 155) é uma lista de 28 têrmos de parentesco em 3 colunas, a primeira dos têrmos Tukuna, a segunda da significação em inglês e a terceira da categoria do falante em relação ao indivíduo a ser designado; os vocábulos Tukuna são grafados com os elementos mórficos separados por hífen, sobrelevando-se entre êsses elementos *txau-* ou *txa-*, por que todos os vocábulos se iniciam. O Apêndice B, sôbre a *Classificação Lingüística* (ps. 156-8) discute a filiação da língua Tukuna, rejeitando a hipótese de Rivet, que a considera "um dialeto arawak muito corrompido", para "considerá-la por enquanto, como

fazem CHAMBEBLAIN e TESSMANN, uma lingua isolada"; como elementos do debate, dá-se uma lista de 21 têrmos Tukuna comparados com os correspondentes de várias línguas Jê (156-7), onde ressaltam semelhanças que não parecem ao Autor "serem inteiramente fortuitas, embora não possa oferecer uma explicação plausivel para elas" (p. 157) e não aceite a hipótese de Rivet de se tratar de termos Jê vindos através do Arawak; o Apêndice 13 termina com alguns dados gramaticais importantes.

No corpo da obra, têm-se ainda: a) uma lista de onze nomes de peixes (p. 26); b) uma lista de nomes de clãs das *moieties* A e B, tirados de nomes de plantas e animais (p. 56, p. 57); c) uma lista de nomes próprios masculinos e femininos, indicando qualificativos que se referem veladamente ao animal ou planta correspondente ao clã; d) têrmos esparsos no correr dos capítulos.

Os vocábulos Tukuna vêm na transcrição fonética usual do Autor, para a qual há uma rápida "*Explanação de Símbolos e Diacríticos usados nos Vocábulos Tukuna*" (p. X).

De início, na Introdução (p. 1) o Autor discute as formas *Tikuna* (*Tekuna*), *Tukuna* (*Tokuna*),

Da p. 110 a 154, há numerosos cantos folklóricos e lendas, apenas na tradução inglêsa, e portanto sem interêsse lingüístico, salvo vários têrmos Tukuna transcritos nas narrativas.

SUMMARY

The Linguistic Work of Curt Nimuendaju

Curt Nimuendaju, whose family name was Curt Unkel, was born in Iena, Germany, in 1883, and died in Brasil, in December 1945, in the Amazonas region, among the Tukuna. He is a most expressive figure of Brasilian Indian Ethnology, leiving received his Tupi name of Nimuendaju from the Apapokuva. Although chiefly an etinologist he has left extensive linguistic work, comprising many Indian vocabularies, a grammatical sketch of the Xipaya and various and sundry linguistic data in short papers and in his more important works on Indian ethnology. As a linguistic investigator, he used a very reliable phonetic registration and had a keen insight; moreover he knew the Indians well and spoke fluently several Indian languages. His linguistic work is lhas worthy of perusal, in spite of bis having no theoretical linguistic background and having dealt with the Indian languages in the unsatisfactory wav of Brisilian investigators of his time. In this work we have tried to give a full account à what Nimuendaju published on the Indians languages of Brasil.

CHAVE DAS SIGLAS

An. Cuyo: Anales del Instituto de Etnologia. Universidarl Nacional de Cuyo. Cuyo.

Anthr.: Anthropos. Wien.

Bibl. Crit.: Herbert Baldus, Bibliografia Crítica Brasileira. São Paulo, 1954.

Bol. Bibl.: Boletim Bibliográfico. São Paulo.

Bol. Goeldi: Boletim do Museu Paraense, Emílio Coeldi. Belém do Pará.

Bull. Anthr.: Bulletin de la Société Anthropologique de Paris. Paris.

Cath. Anthr.: The Catholic University of America, Anthropological Series. Washington. D. C.

Exp. Cast.: Francis de Castelnau, Expedition dans les parties centrales; de l'Amérique du Sud, V, 1851 Paris.

Göt. Hand.: Göteborgs Kungl. Vetenskaps-Vitterhets Samhäles Handlingar. Göteborg.

Hand. Ind.: Handbook of South American Indians, vol. 3. Washington, D. C. 1948.

IJAL.: International Journal of American Linguistics. Bloomington, Ind.

Journ. Amer.: Journal de la Société dos Americanistes de Paris. Paris.

Los. Blät.: Lose Bläter vom Cururu. Bahia.

Publ. Hodge: Publications of the Frederick Webb Hodge Anniversary Publication Fund, Los Angeles, 1942.

Prim. Man: Primitive Man, Washington, D.C.

Rev. Inst. Hist.: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de janeiro.

Rev. Mus. Paul.: Revista do Museu Paulista, Nova Série. São Paulo.

Rev. Tuc.: Revista del Instituto de Etnologia, Universidad Nacional de Tucumán. Tucumán.

Soc.: Sociologia, revista didática e científica, São Paulo.

South. Jour. Anthr.: Southwesten Journal of Anthropology, University of New Mexico, Albuquerque, N. M.

Univ. Cal. Publ.: University of California Publications in American Archaeology and Ethnology, Berkeley and Los Angeles.